

RESENHA/REVIEW

TEIXEIRA, Lucia; CARMO JR., José Roberto do (Org.). **Linguagens na cibercultura**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2013, 327p.

MATHEUS NOGUEIRA SCHWARTZMANN *

Linguagens na cibercultura, livro organizado por Lucia Teixeira e José Roberto do Carmo Jr., foi publicado em 2013 pela editora Estação das Letras e Cores com apoio da FAPERJ – Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro. O volume surge no cenário dos estudos do discurso brasileiro, e especialmente no campo da semiótica de orientação francesa, como contribuição inédita e, ao mesmo tempo, já há muito esperada, na medida em que reúne trabalhos de autores que têm, de um lado, desenvolvido pesquisas sobre objetos multifacetados construídos em ambiente *on-line*, e, de outro, proposto reflexões teóricas que buscam repensar ou mesmo distender a fronteira entre os estudos do discurso e da linguagem e o que se convencionou chamar **cibercultura**.

Os organizadores da obra têm ampla experiência em pesquisas com semióticas-objeto que extrapolam a dimensão linguística e que convocam outras linguagens. Lucia Teixeira, que é professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), sempre teve grande interesse por objetos sincréticos e, principalmente, pela imagem de arte, podendo ser considerada uma das grandes especialistas em semiótica plástica da atualidade. Já José Roberto do Carmo Jr., que atualmente é professor

* Docente da UNESP – Universidade Estadual Paulista. E-mail: matheusns@assis.unesp.br.

visitante da Universidade Federal do Paraná (UFPR), além de linguista, é *luthier*, e tem diversos trabalhos na área de semiótica da canção, tratando, principalmente, das características semióticas dos instrumentos musicais, e, mais recentemente, dos Sistemas de Recomendação Musical (SRM) para Internet.

A abertura e a experiência de ambos os pesquisadores no estudo de outras linguagens que não apenas a verbal lhes permitiram reunir com lucidez e destreza os trabalhos presentes na obra. São, ao todo, doze artigos – precedidos por uma breve apresentação – que tratam de temas como arte e literatura, política, comunicação e ensino, segundo um novo ponto de vista, instaurado a partir do que os organizadores nomeiam de “impacto tecnológico” (TEIXEIRA; CARMO JR., 2013, p. 08), que redimensionou a relação do homem com os meios de comunicação e com as diversas práticas de interação que deles decorrem.

Conforme indicado na apresentação, as conclusões a que chegam seus autores são fruto de longa maturação e trocas científicas desenvolvidas no interior do SeDi – Grupo de Pesquisa em Semiótica e Discurso, sediado na UFF (Niterói/RJ) e liderado por Teixeira. Ao longo de três anos de trabalho, por meio de colóquios, orientações de iniciações científicas, de dissertações, teses e pós-doutorados, o grupo apresentou uma contribuição considerável no que tange ao estudo das novas mídias, das formas de interação *on-line* e das relações de sentido e formas de vida que essas novas práticas promovem. Noções como interatividade e hipertexto, por exemplo, tão caras à cibercultura, e reflexões sobre as práticas de interação bem como a natureza dos suportes são estudadas sob um novo paradigma.

Cibercultura e semiótica

A obra se divide segundo quatro abordagens gerais e diversas que permitem uma visada mais ampla sobre a análise semiótica de fenômenos oriundos da cibercultura, que, para os organizadores, pode ser pensada como “atitude da sociedade contemporânea [que] manifesta-se por meio de uma linguagem sincrética” (TEIXEIRA; CARMO JR., 2013, p. 07). A reflexão – ou inflexão – teórica que *Linguagens na cibercultura* propõe como projeto, embora ousada, tem bases profundas na própria semiótica greimasiana, especialmente se lembrarmos de *Semiótica e ciências sociais* (1981) [*Sémiotique et sciences sociales*, 1976]. Greimas afirmava já à época que a noção de **cultura** deveria ser pensada como intrínseca às próprias noções de **comunicação** e **mídia** (meios), justamente porque é na cultura que podemos encontrar “os conteúdos que são objeto da comunicação, da qual se costumam considerar apenas os meios” (GREIMAS, 1981, p. 35).

Segundo Greimas, para que se pudesse investigar o que ele então chamava provisoriamente de “comunicações sociais” – que aqui poderiam ser aproximadas, ainda que de modo imperfeito, da própria noção de cibercultura, conforme desenvolvida na obra – seria preciso “instaurar uma investigação semiótica sobre as dimensões e as articulações significativas das macrosociedades atuais” (GREIMAS, 1981, p. 48). É nessa direção, portanto, e certamente não por acaso, que seguem os autores da coletânea.

A primeira parte, que reúne trabalhos de Lucia Teixeira, Stefania Caliandro e Regina Souza Gomes, aborda o estatuto da arte ou, mais amplamente, das “manifestações estéticas” na rede (TEIXEIRA; CARMO JR., 2013, p. 08).

No capítulo intitulado “Museus on-line: novas práticas

de visita”, Lucia Teixeira estabelece como *córpus* de análise os *sites* de três grandes museus, Louvre (Paris), MoMA (Nova Iorque) e MASP (São Paulo), buscando segmentar os percursos de visitas virtuais que neles podem ser inscritos, tendo sempre como contrapartida a sua versão física. A extensão de seu *córpus* é proporcional ao passo teórico que a autora dá. Primeiramente, do ponto de vista da segmentação: ao tomar a visita ao museu como uma prática instituída em uma dada situação semiótica, Teixeira rompe com os limites tradicionais do *córpus* (ultrapassando os limites da linguagem verbal e o próprio conceito de texto), na medida em que a noção de situação semiótica vai além de barreiras linguísticas e incorpora outras linguagens à construção do sentido, como as linguagens gestual e espacial, que podem estar envolvidas na prática da visita. Em segundo lugar, pela fineza com que reúne elementos teóricos advindos da sociossemiótica de Eric Landowski à teoria das práticas, de Jacques Fontanille, na medida em que realoca as noções de intersubjetividade e regimes de presença no interior das práticas e das estratégias semióticas.

Stefania Caliandro, no capítulo seguinte, intitulado “Arte na internet: o potencial semiótico do novo meio”, ao analisar diversos *sites* de arte traça um panorama sobre a arte contemporânea que, segundo a autora, se potencializa graças aos recursos de criação/interação na internet. Pensando também, de algum modo, nos percursos possíveis dos internautas que acessam os *sites*, Caliandro ressalta o papel do corpo dos sujeitos, da interação entre eles e do compartilhamento de conteúdos na rede, o que redimensiona tanto a própria expressão estética quanto as noções de autoria e enunciação.

O capítulo três, de Regina Souza Gomes, segue na mesma direção. Intitulado “Sites de poesia: aspectualização e práticas interativas”, o trabalho busca apontar o modo como a arte

da poesia é ressignificada na rede. Tomando diversos *sites* de poesia brasileiros, estabelece uma classificação que, partindo das propriedades práticas advindas do suporte em questão, leva em consideração os modelos de *site*, dos mais próximos aos mais distantes de um modelo estático, nos moldes de revistas impressas. Segundo Gomes, cada um desses *sites* pode ser reduzido a determinados estilos semióticos, regulados pela tensão entre princípios de economia e de excesso, conforme o modelo tensivo de Claude Zilberberg.

A segunda parte da obra trata, de forma geral, do fenômeno de transmidiação (ou remediação), e traz trabalhos de Renata Mancini e João Alt; Guilherme Nery Atem e Sandro Tôrres de Azevedo; Oriana de Nadai Fulaneti, Silvia Maria de Souza e Karla Faria e, por fim, Lucia Teixeira, que se desenvolvem a partir dos mais diversos casos de (entre)cruzamento de novas mídias com outras já consolidadas, como o jornal impresso, a televisão e a HQ.

Em “Quadrinhos: do papel à internet”, Renata Mancini e João Alt buscam estudar o modo como as histórias em quadrinhos têm se desenvolvido em suporte digital no meio *on-line*. Adotando o modelo de análise da semiótica tensiva e levando em consideração as propriedades práticas e materiais das HQs impressa e eletrônica, os autores demonstram que na passagem de um meio a outro ocorre um processo de desaceleração do elã da rapidez, característico das HQs impressas. Isso porque os modos de interação propostos no meio impresso se diferem sobremaneira daqueles que se concretizam em meio *on-line*, aproximando, assim, a HQ eletrônica de formas híbridas similares aos desenhos animados e aos jogos eletrônicos.

Guilherme Nery Atem e Sandro Tôrres de Azevedo, no capítulo intitulado “Ciberpublicidade: ensaio de sociosemiótica”, tomam como objeto de estudo uma campanha publicitária

ria da Motorola desenvolvida para ser veiculada na internet, mas que teve seu lançamento divulgado também em canais pagos. Segundo os autores, essa narrativa transmidiática busca atingir um maior número de expectadores, que devem acompanhar, fidelizados, em cada uma das plataformas (TV, internet, celular etc.), uma parte do esquema narrativo que vai se desenvolvendo. A publicidade convoca, assim, o enunciatário como coautor da mensagem, instaurando valores partilhados que criam um efeito de sentido de pertencimento e de comunidade, resultando na construção de uma imagem positiva da marca.

O capítulo seis, de Oriana de Nadai Fulaneti, intitula-se “Discurso político e hipermídia: um estudo dos sites dos deputados federais do Partido dos Trabalhadores”. A autora toma como *cópus* de análise os *sites* de deputados federais que, naturalmente, se organizam no interior de práticas transmidiáticas. No entanto, Fulaneti estabelece como foco de sua pesquisa não a natureza prática e material dos suportes em que os textos estão inscritos, e sim o seu discurso. Tratando o *site* apenas como texto-enunciado, a autora se debruça sobre a noção de *éthos*, buscando retratar a um só tempo as imagens do enunciador e do leitor-eleitor que nele são construídas. Seguindo um modelo de análise que a própria autora chama de “canônico”, chega-se à conclusão de que, embora as propriedades das diversas linguagens presentes nos *sites* possam orientar a construção do sentido, é no programa narrativo da leitura do texto, pressuposto no nível da enunciação, que está a chave para se pensar justamente aquilo que considera inovador nos *sites* de políticos: a imagem do leitor.

Em “Apontamentos sobre a TV na cibercultura”, Silvia Maria de Souza compara as propriedades práticas e materiais da TV às da internet. Rompendo com um discurso “catastrófi-

co” que pressupõe a substituição definitiva de uma mídia por outra, a autora chega à conclusão de que a televisão, que já foi uma “nova mídia”, ao implicar uma forma de vida coletiva, atualiza o engajamento emocional do seu enunciatário – o que pode levá-lo a comportamentos somáticos como o do relaxamento e da distração. Já a internet, ao requerer a atenção do indivíduo, acaba por exigir maior engajamento físico, o que promove a construção de uma forma de vida individual. A convergência das práticas – a TV *on-line* – será regulada por estratégias de interação que levam, por fim, o enunciatário a buscar um equilíbrio, a eficiência máxima das práticas, entre interação e passividade, entre escolhas individuais e coletivas.

No capítulo oito, intitulado “Interações no jornalismo on-line”, Karla Faria e Lucia Teixeira apresentam uma reflexão sobre as formas de interação na versão digital do jornal diário. Tomando como exemplo *O Globo*, jornal de grande circulação nacional, com sede no Rio de Janeiro, as autoras analisam o modo como as instâncias enunciantoras do *site* coagem, restringem ou fomentam as formas de participação do internauta na leitura e na produção de conteúdos compartilhados. Os efeitos de sentido que decorrem da interação entre enunciantor-jornal e enunciatário-leitor, como as noções de colaboração, de difusão e diversidade, por exemplo, atuam como formas de fidelização que têm por objetivo instituir um hábito de leitura, que pode acabar, então, sob o controle de uma instância enunciantora altamente controladora, de valores concentrados e, portanto, “superpoderosa”, nas palavras das autoras.

Na terceira parte, destacando-se dos textos anteriores, os capítulos nove e dez apresentam modelos de produção e de análise de formas de interação na rede. No primeiro caso, no capítulo intitulado “Critérios semióticos no desenvolvimento

de sistemas de recomendação musical para internet”, de José Roberto do Carmo Jr, propõe-se um modelo semiótico para a criação de algoritmos geradores de *Tags*. No segundo, no capítulo “Diálogos virtuais e regimes de sentido: análise semiótica de chats em contexto de ensino”, de Luiza Helena Oliveira da Silva e Naiane Vieira dos Reis Silva, busca-se um modelo de análise de *chats* usados no ensino à distância. Em ambos os trabalhos, temos um gesto ainda bastante raro no âmbito da semiótica – e certamente também no de outras teorias do discurso – que é aquele de propor, segundo uma metodologia clara e formalizada, a configuração de semióticas-objetos específicas, na direção não apenas da análise semiótica, mas da produção semiótica. Ou seja, embora partam da análise de fatos distintos, os três autores executam uma verdadeira “semiótica aplicada”, visto que seus resultados podem ser usados na concepção de objetos e práticas sociais diversas. No caso de Carmo Jr, seu trabalho pode redundar, inclusive, em avanço e ganho tecnológico e mercadológico, na medida em que propõe um mecanismo de sugestão e controle de músicas *on-line*, nicho em franca expansão. No caso de Oliveira da Silva e Reis Silva, seu trabalho pode fazer avançar o uso de *chats* no ensino, pois permite que se estabeleçam estratégias que melhor organizem a prática em questão, regulando as situações de interação entre os sujeitos, em função das características formais e práticas e das formas de vida que assumem no ambiente *on-line*.

Na quarta e última parte, os trabalhos de Kati Caetano e Eugênio Trivinho discutem a posição do homem, tomado enquanto sujeito imerso na cibercultura, diante dos fenômenos que esta propõe e pressupõe. Em “O espaço dilatado das discursivizações na cultura digital, entre disputas e contágios”, Caetano amplia a noção de cibercultura, como o fazem os organizadores da obra, ao mostrar que o espaço digital toca o

espaço físico, não se reduzindo às plataformas portáteis nem aos meios de comunicação digitais. Para a autora, a cultura digital deve ser tomada como lógica cultural e não como mera questão técnica, porque apenas potencializa estruturas simbólicas e polifônicas pré-existentes, participando intensa e constantemente da vida dos homens, propondo formas de interação que os afetam multissensorialmente. Seguindo uma linha de raciocínio próxima à de Caetano, Eugênio Trivinho, em “Sociossemiose e dromoaptidão na cibercultura: significação social-histórica da linguagem de acesso na condição global avançada” propõe uma forma de resistência crítica à rede, ao defender que os papéis social e histórico assumidos pela cibercultura não são os únicos legítimos na contemporaneidade. Fazendo uma analogia com os processos civilizatórios e pensando no conceito de inclusão digital, euforicamente construído na própria cibercultura, Trivinho mostra como, em certa medida, a cultura da rede acaba por instituir, de maneira violenta (uma violência tecnológica, como diz o autor), modelos de comunicação e interação excludentes que privam uma parte da população do acesso à própria rede, invalidando, desse modo, seus valores e suas formas de vida.

Por uma metodologia de análise da cibercultura

A obra que Teixeira e Carmo Jr. trazem à luz atualiza uma bela tradição que se mantém ainda viva entre os membros da escola semiótica de Paris: aquela de reunir um grupo de pesquisadores ao redor de um tema comum tendo como objetivo o avanço teórico. *Linguagens na cibercultura* é, portanto, o resultado de um percurso de pesquisa que ultrapassa as contribuições pontuais, pois vai ao encontro de determinadas semióticas-objeto, como os *sites* de arte, de museus, de poesia,

de jornais, as redes sociais, os *chats*, os sistemas de interação e recomendação musical, enfim, objetos e temas que afetam diretamente a sociedade e a cultura contemporâneas. Além disso, a obra nos apresenta a execução e aplicação de um modelo teórico que se mantém fiel ao projeto semiótico e confirma sua vocação científica: ao ser convocada para a análise das linguagens na cibercultura, a semiótica permanece como “teoria da significação” que tem por objetivo “explicitar, sob forma de construção conceitual, as condições de apreensão e da produção do sentido”, partindo da proposição de uma “linguagem formal mínima” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 455), espécie de “ciência que estud[a]” a linguagem “no seio da vida social” e que nos ensina “em que consistem os signos, [e] que leis os regem” (SAUSSURE, 1986, p. 24).

REFERÊNCIAS

GREIMAS, A. J. **Semiótica e ciências sociais**. São Paulo: Cultrix, 1981.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1986.

TEIXEIRA, L.; CARMO JR., J. R. do. **Linguagens na cibercultura**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2013.

Resenha recebida em novembro de 2014 e aprovada em dezembro de 2014.

Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>